

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	12 JAN. 1980
A. TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

## Cá se fazem

por Peixe Dias

As hostes marxistas, pelo preto no branco da sua imprensa progressista alinhada entre duas coordenadas paralelas, o comunismo moscovita e o eurocomunismo saloio, agitam freneticamente as bandeiras vermelhas da agitação social, ameaçam com os martelos apertados ao alto nos punhos cerrados, fendem os ares com as foices golpistas da prepotência, num cerrar de fileiras em redor da sua dama, sua musa, sua deusa ameaçada: M. L. Pintasilgo não voou para Paris, cidade-luz, herdeira espiritual de Atenas, se não na era dos foguetões, sem dúvida nos anos do «Concorde», filha de Platão e enteada de Aristóteles, mãe do «can-can» e avó de «Gavroche», metrópole da guilhotina e das «Galerias Lafayette», o Sena e as pontes tão românticas, uma torre muito alta e fotogénica, excelentes costureiros para senhoras de todos os gostos e feitios, restaurantes para todos os paladares, a doce vida, enfim, envolta em celofane intelectual.

Tem a esquerda razão. Os comunistas, estes críticos, os cosmunistóides devem protestar. Aos um Governo tudo inclinado para um terceiro mundo de albornoz e tanga, na indumentária, catecismo do Largo do Rato ao domingo e Marcuse de segunda a sábado, não se admite um corte de asas seja a que Pintasilgo for e, para mais, com a UNESCO à espera, com a cultura universal aguardando, com a Comissão dos Direitos do Homem sófregos de uma mulher que os efemine. Do «Diário» da justa luta dos operários e camponeses, que devem realmente operar menos para ganhar mais e camponear pouco para vencer muito; do «Portugal Hoje» que não teve ontem e é de incerto amanhã; do «Diário de Lisboa» sempre tão carinhoso e terno para com todas as espécies, sem olhar a penas ou plumas e lídimo paladino dos «Jogos Olímpicos»; dos trenós e das «troikas»; do «Jornal» que gravita, melancólica e «meloantunoicamente», na cintura industrial de Lisboa, onde, aliás e por justa compensação, se comem os melhores mariscos a norte do Sará e a oeste do Paraíso; sem contar com outros órgãos mais pequenos mas não menos viris — é um ror de títulos de protesto, de textos de vigorosa indignação, de bonecos (fotos na gíria cá da malta) tão enternecedores como significativos (no jardim a ler sina, a desvendar o futuro em «The Next 200 Years», ou na solitária cadeira de baloiço de um canto triste de sala com retalho de manta por tapete e rádio-gravador por única companhia de quem quer ouvir baladas mas não descursa oferecer aos ingratos contemporâneos pensamentos lapidares, coordenadas sociais e programas políticos que farão o espanto das gerações vindouras).

Como se os reféns da Embaixada americana em Teerão, as nuvens negras que se acumulam na África Austral, a tensão no Médio Oriente, as tropas russas invadindo brutalmente o Afeganistão e o Benfica em terceiro lugar no Campeonato Nacional, não constituíssem gravíssimos focos de preocupação mundial, novo e terrível problema vem ameaçar a paz terráquea: o Governo quer afastar Lurdes Pintasilgo de embaixatriz na UNESCO, borrifando-se no progresso cultural da Patagónia, arriscando-se a não deixar resolver o analfabetismo que assola as margens do Titicaca, a não desvendar as mensagens cuneiiformes recentemente descobertas na bacia do Eufrates, a não traduzir para português os discursos de Vasco Gonçalves e a não desvendar os pensamentos de Costa Gomes — perdas irreparáveis para o progresso da Humanidade e, conseqüentemente, para o nível de vida intelectual no Baixo Alentejo.

À hora a que escrevo, as trevas adensam-se e o futuro apresenta-se tenebroso. Contudo — e tratando-se de uma senhora devota — devemos não perder a esperança na Divina Providência e recordar que Deus escreve direito por linhas tortas. Mas cá se fazem, cá se pagam.



Centro de Documentação e de Publicações